Um Clichê de Verão



LYTA RACIELLY


UM
Clichê
DE
VERÃO

Copyright © 2023 | Lyta Racielly

Todos os direitos reservados

Criado no Brasil

Revisão Textual | Clys Oliveira
Design de Capa | Sophia Oliveira
Diagramação | Lyta Racielly
Imagens e Ilustrações dos capítulos | Canva

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança que não seja expressa previamente pela parte da autora, trata-se de mera coincidência.

É expressamente proibida a reprodução, total ou parcial, ou qualquer tipo de impressão sem prévia autorização da autora deste livro. Abre-se exceção para citações breves para resenhas e avaliações.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Contents

Dedicatória
Playlist
Epigrafe
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
Epílogo
O Lytaverso
About The Author



Para todas as leitoras de romance de cortejo que sonham em encontrar um mocinho tatuado (ou não) para viver seu clichê… espero que eles existam fora dos livros!

E a todas as ovelhas que foram alcançadas pelo Bom Pastor!



Playlist

Durante a leitura você irá encontrar diversas músicas, estas fizeram parte da construção do livro.

Caso queira ter uma experiência mais imersiva, é só clicar aqui ou scannear o QR Code abaixo.





"O mundo já nos entrega doses de realidade dolorosa o tempo todo e, mesmo que as histórias sejam fictícias, elas podem nos ensinar a lidar com o que é real. Seja a manter a fé, seja a enfrentar os problemas ou a lembrar que também teremos nosso final feliz."

(Amores e Outras Conexões – Lavínia Queiroz)



1

A garota que se perde na própria cidade, e talvez umas águas-vivas de bônus



"— Nós cristãos somos engraçados, oramos pedindo coisas para Deus, mas nunca acreditamos que Ele vai nos responder!"
(Só Me Resta Confiar – Lyta Racielly)

Quando Astra era criança, as pessoas diziam que ela pensava grande demais. Suas profissões favoritas eram: astronauta, cientista, atriz de Hollywood, ganhadora de medalhas olímpicas. Não importava muito o que fosse, só precisava ter um nome forte.

E lá estava ela, voltando para a sua cidade natal com seu diploma em… publicidade e propaganda.

Pois é. Decepcionante, eu sei. Mas é a vida, fazer o que?

Para piorar a situação, o trânsito estava um caos. Seu pai havia comentado que a cidade estava em reforma, ela só não esperava que,

faltando tão pouco para a temporada de verão, ainda estaria naquele nível de desorganização. Após entrar em algumas ruas erradas, inclusive uma sem saída, finalmente passou pela avenida principal, chegando ao seu destino.

Sim, ela se negava a usar GPS na sua própria cidade.

Astra buzinou diante do portão branco, esperando que seus pais abrissem e se surpreendessem ao ver a filha caçula ali. O que foi decepcionante quando se passou dois minutos e nenhum sinal deles.

Eles sabiam que ela chegaria, a publicitária não conseguia fazer uma surpresa nesse nível, mas havia se adiantado, chegando algumas horas antes do previsto. Insistiu mais algumas vezes antes de digitar uma mensagem.

Ela estava começando a escrever quando ouviu uma buzina e alguém reclamando sobre o carro estacionado na frente do portão.

— Oh moça, você tá na frente do portão e eu não consigo… Astra?

Foi impossível para a garota não dar risada com o choque do irmão mais velho. Josué estava prestes a matá-la antes de perceber quem era a "moça" no carro.

Demorou poucos segundos entre ela abrir a porta e se jogar nos braços dele para um forte abraço. Ela havia sentido saudades do melhor amigo.

— Senti sua falta — Astra murmurou sem conseguir largá-lo.

— Eu também, maninha. Agora posso saber por que seu cabelo está ruivo? A mamãe vai te matar!

— Bom, ela sempre disse que eu poderia fazer o que quisesse quando pagasse as minhas próprias contas. — Deu de ombros após se soltarem. — Aliás, onde ela e o pai estão? Tô há um tempão aqui esperando.

Josué ergueu as sobrancelhas.

— Astra? É sábado de manhã em pleno início de veraneio; você achou mesmo que eles estariam em casa?

Aos poucos, ela foi voltando à realidade, então ela lembrou que sua cidade era turística e que os pais trabalhavam em um carrinho na praia.

— Ah, verdade, tinha esquecido desse *pequeno* detalhe.

— Vem comigo, deixa o carro aí e eu te dou uma carona. Vim pegar uma massa de churros — Josué começou a falar, já entrando. — Ah, a mãe não está lá agora, ela aproveitou o movimento mais tranquilo e foi até a casa da vó Carla preparar uma surpresa para você! — gritou da cozinha.

— Se é uma surpresa, você não deveria ter me contado! — Astra gritou de volta após estacionar o carro do lado de dentro da casa.

— Isso não sai daqui, ouviu? Dona Júlia me mata e a Aléxia é muito jovem para ser viúva.

Durante os próximos minutos, enquanto se dirigiam à orla da praia de Caiobá, os dois irmãos conversavam sobre os acontecimentos dos últimos anos, afinal fazia muito tempo que não se encontravam pessoalmente.

Primeiro foi a pandemia, quando Astra ficou presa em Belo Horizonte, onde fazia faculdade, e não pôde presenciar o casamento do próprio irmão, tendo que se contentar com uma vídeo chamada.

Já na sua formatura, quem não pôde ir foi Josué, pois tanto a esposa quanto ele pegaram dengue bem naquela semana e precisaram cancelar a viagem, indo apenas os pais e os tios com os filhos.

Então, finalmente, desde o Natal de 2019, só agora ela conseguiu voltar à sua cidade e reencontrar o irmão.

Quatro anos longe era bastante tempo, e Astra nem conseguia mensurar quantas coisas haviam mudado em sua ausência.



Chegar na casa dos pais já havia sido decepcionante, mas a chegada no carrinho terminou de massacrar suas expectativas.

Na sua mente criativa, a mãe a veria, começaria a chorar, elas se abraçariam e Astra chamaria o pai para o bolinho humano.

A realidade?

Uma gigantesca fila de clientes esperava Josué chegar com a massa, que entrou socorrendo Matias para fazer os churros, enquanto Astra já

engrenou colocando uma touca e indo anotar os pedidos e pegar o pagamento.

Foi quase meia hora até atender todo mundo e, enfim, pai e filha se abraçarem. Ela aproveitou aquele momento, tinha quase um ano que não via o pai pessoalmente.

— Você está linda, meu amor! — Matias sussurrou apertando-a ainda mais forte. — Sua mãe já sabe desse cabelo?

— Poxa, por que todo mundo diz que ela vai ficar brava comigo? Só pintei de ruivo.

O olhar do pai a lembrou muito bem os motivos. Júlia sofreu muito quando Astra enfiou na cabeça que faria faculdade em outro estado. Era o medo de ver a filha tendo o mesmo destino que ela, abandonando o curso para criar o filho sozinha, fruto de um namoro impensado da juventude.

Portanto, é claro que o simples ato de pintar o cabelo poderia causar um alvoroço da mulher, temendo que fosse um ato de rebeldia.

Mas, ao contrário de Júlia, ir para a faculdade apenas firmou ainda mais a fé de Astra.

— Pai, eu estou bem, ainda sou crente e mamãe sabe que não vai ser a cor de um cabelo que definirá a minha fé. — Ela depositou um beijo na bochecha do homem antes de apontar para o cliente que chegou.

Astra aproveitou que ele estava ocupado e se aproximou da beira-mar, reparando no quanto a praia havia mudado com as reformas recentes, com as quais aumentaram a faixa de areia, deixando-a gigante em vista do que era antes.

Um suspiro escapou enquanto observava o mar.

Ter crescido em uma cidade litorânea criou na publicitária uma conexão fora do normal com o oceano; e ter passado tantos anos morando em um estado onde não havia praia a fez esquecer o quão apaixonada era pelo barulho das ondas e o cheiro da maresia.

Suas reflexões foram com Deus quando ela ouviu o choro de uma criança e, de bônus, dois pais desesperados.

Astra se dirigiu à frente do carrinho, logo vendo a causa do alvoroço. A perna de um garotinho estava com uma vermelhidão, e como toda boa *caiçara*[1] Astra soube a causa.

— Astra, corre até o restaurante dos Albuquerque e pede vinagre por favor!

Ela assentiu para o pedido do seu pai, tentando usar seu péssimo senso de localização para achar o estabelecimento. Josué, que terminava de preparar o pedido de uma tapioca, apontou para ela a fachada do lugar.

Ao chegar na porta, Astra desacelerou o passo, tentando ajeitar os fios ruivos que se bagunçaram com a mini corrida e se dirigiu até o caixa, encontrando um simpático atendente na faixa de seus dezessete anos. Ele lembrava alguém, mas não se dedicou a isso no momento.

— Com licença, sou filha do Matias, da barraquinha de churros — puxou o ar —, vocês têm um vidro de vinagre para emprestar? Um dos banhistas foi queimado por água-viva.

O garoto pediu para ela esperar, levantando para chamar alguém. Após alguns minutos, outro rapaz saiu de dentro da cozinha, tirando já o avental e carregando o vinagre na mão.

— Quem é a tal moça? — Ele parou reparando na mulher a sua frente. — Astra?

Astra levou alguns segundos para se dar conta de que aquele homem alto, com cabelo comprido preso em coque, cheio de tatuagens e barbudo era o garoto mirradinho da sua adolescência.

E, por um acaso, seu ex-*crush*.

— Isaque?





2

Família, família, papai, mamãe e titia

"Apenas ele naquela sala sabia que as únicas referências românticas que eu tinha eram uma interminável lista de romances água com açúcar que eu amava ler, crushes dos Doramas e dos meus quase relacionamentos fracassados colecionados ao longo dos anos. E, claro, as experiências que eu observava na vida dos outros, principalmente a dos nossos pais, os casais mais felizes da face da terra."
(Minha Verdade – Kell Carvalho)

Júlia havia comentado com Cássia, mãe de Isaque, que Astra passaria o Natal com eles, mas o rapaz não esperava encontrá-la naquela situação, e muito menos que ela estivesse uma mulher tão bonita.

A última vez que a tinha visto foi no segundo ano do ensino médio.

— Ahm, meu irmão, o Pedro — ele apontou para o atendente —, comentou que alguém teve queimadura de água-viva. Vou lá com você!

Astra assentiu, entendendo porque o garoto lembrava alguém. Com um aceno para o irmão, Isaque seguiu a mulher até a barraca de churros.

No curto percurso, a publicitária repreendia os sentimentos que a cercavam naquele momento, um misto de nostalgia e raiva dele.

De alguma forma, os pais do menino já tinham conseguido o algodão, então, após espirrar o líquido na perna dele para aliviar, Isaque deu o frasco de vinagre para o casal e os instruiu a fazer compressa a cada meia hora.

— Muito obrigada! — A mulher sorriu aliviada. — Amanhã eu trago outro para vocês.

— Não precisa, pode ficar tranquila. Só cuida direitinho dele e logo esse *piázinho*[2] vai estar correndo de novo. — O Albuquerque piscou para a criança.

Agradecendo novamente, o casal se retirou para a pousada onde estavam hospedados.

Astra e Isaque se encararam. Sem saber o que fazer, os dois riram da situação.

— É muito bom te ver — Isaque quebrou o silêncio. — Sua mãe contou que você montou uma agência, meus parabéns, ainda mais por ter sido tão pouco tempo após a conclusão do curso.

O primeiro pensamento de Astra foi o quanto Júlia fofocava sobre a vida dela por aí. O segundo foi que deveria respondê-lo, então tentou puxar na memória alguma informação sobre ele, mas nem mesmo sabia que Isaque tinha voltado a morar em Matinhos.

— Obrigada! — agradeceu, envergonhada. — Eu tinha começado a trabalhar em outra agência, porém era insustentável por questões de… — a garota se interrompeu, estava prestes a abordar os princípios cristãos que a fizeram abandonar o antigo emprego, mas lembrou que o rapaz não era convertido e não entenderia. — Enfim, um ambiente meio tóxico. Então recebi um empurrãozinho de uma amiga e hoje sou social media na área literária.

Contudo, outro detalhe era que seu sustento não vinha apenas da atuação como social media. Além disso, Astra também era uma influenciadora conhecida no ramo dos livros cristãos e tinha uma renda das *publis* que fazia.

— E você? — a garota questionou, pois não queria ser o centro das atenções. — Está fazendo alguma faculdade?

A pergunta mal saiu da sua boca quando lembrou que ele abandonou o ensino médio.

Isaque viu que algo não mudou com o passar dos anos em Astra: ela era transparente, pois logo o rapaz percebeu que ela própria achou ter cometido uma gafe.

— Sim, eu fiz o supletivo e hoje estou no segundo ano de administração, porém faço *EAD*[3], o que facilita para auxiliar seu Emanuel a cuidar do restaurante.

Astra assentiu, feliz por saber que o rapaz havia tomado algum rumo na vida.

Quando um dos dois ia puxar mais algum assunto para não deixar a conversa morrer, ela viu de relance os cabelos loiros de sua mãe chegando ao carrinho.

— Foi muito bom te encontrar, Isaque, mas tenho que ir. Até mais! — Astra se despediu com um aceno de cabeça.

Matias ainda não tinha conseguido contar para a esposa da chegada da filha, e Josué já havia ido para casa almoçar com Aléxia. Por isso, quando Astra chegou por trás colocando as mãos em seus olhos, Júlia deu um grito de susto.

— O que é isso? Astra! O que você fez com o seu cabelo?

Após quase um ano sem se verem pessoalmente, era claro que sua primeira reação seria reparar na cor do cabelo da filha caçula.

— Pintei, mãe, gostou?

Júlia a puxou para um forte abraço, aliviada por ter a menina ali com ela, segura e bem.

— Pior que sim, combinou com sua pele. Está na sua… Como é que vocês jovens dizem? Ah, paleta de cores, não?

— Está sim, pintei com o incentivo de uma consultora.

Matias aproveitou os cinco minutos de descanso e abraçou a esposa por trás após as duas se soltarem, aninhando-a em seu peito.

— Ficou linda! Amor, você deixa eu pintar também? — ela perguntou com um sorriso travesso, ganhando um revirar de olhos em resposta.

Todo mundo sabia que Júlia Mendes Lopes jamais iria mexer em seus tão amados fios loiros.

Pelo resto da tarde, eles ficaram naquela dinâmica, ora atendiam aos clientes, ora sentavam com a filha nas cadeiras de praia para conversarem.



Os pais de Astra até tentaram convencê-la a irem jantar na casa dos pais de Júlia. Porém, quando viram o quão exausta ela estava pelas mais de vinte horas de viagem, e dirigindo sozinha pela primeira vez na estrada, se renderam em deixá-la descansar, com o combinado de que almoçariam juntos no dia seguinte.

— Mana, você não está na sua casa para ficar dormindo até tarde. — Josué praticamente esmurrou a porta do quarto em que ela estava hospedada. — Daqui a pouco a vó e o vô chegam!

Ela murmurou mais um pouco antes de se render e levantar. Realmente não seria de bom tom a família achar que ela ficava deitada o dia inteiro morando sozinha.

Após colocar um macaquinho leve e fazer seu *skin care* matinal ao som do novo álbum da Purples, Astra seguiu até a sala, encontrando uma parte da família já reunida.

— Aléxia, eu te parabenizo por estar há quase três anos aguentando o insuportável do meu irmão — Astra já chegou falando antes de cumprimentar a cunhada com um abraço. — Não se pode mais nem dormir em paz.

— Esse aí nem ousa levantar a voz para me acordar. — Aléxia piscou, arrancando uma risada das mulheres.

— Ainda mais depois do…

A fala de Josué foi interrompida por um engasgo repentino da esposa, ele se desesperou para ajudá-la, até perceber que era apenas um plano para fazê-lo calar a boca.

— Depois do que? — Foi a vez da Júlia chegar à cozinha, pegando a conversa pela metade.

Era domingo de manhã e a senhora Lopes não deveria estar em sua casa, mas, sim, ajudando seu marido no carrinho. No entanto, Matias garantiu que estava tudo tranquilo e que eles poderiam almoçar em paz, desde que levassem uma marmita da lasanha para ele depois.

Era até irônico o nome do carrinho ser “Churros da Júlia” e não “Churros do Matias”, pois ele ficava lá mais do que ela.

— Nada não, só seu filho sendo dramático. — Aléxia lançou um olhar cortante a Josué por quase ter contado algo que não deveria na frente das duas.

Astra sentiu muita falta daquilo: os sorrisos e implicâncias que cercavam sua vida quando estava em família.

Em Belo Horizonte, tinha a igreja que ela frequentava, algumas colegas da faculdade e até tinha participado de vários encontros de leitores de ficção cristã, mas ainda era diferente do convívio familiar.

A chegada de Carla e do esposo, avós de Astra, foi mais um motivo para inúmeros abraços e risos de todos. Nas horas que se seguiram após isso, Astra soube de todas as últimas fofocas, incluindo a presença dos tios confirmada para o Natal.

— Infelizmente, os dois não estarão — Carla se referiu aos netos mais velhos. — Mas acontece, né, Catarina aproveitou para passar com a família do marido em São Paulo, e o Benjamim está no mesmo rumo do pai, viajando o mundo.

— Você fala como se não tivesse me conhecido por causa de uma das viagens de Gabriel, não é? — Willian zombou, se referindo ao filho da mulher e ganhando um beijo da esposa.

— Aliás, vocês dois nunca me contaram como se conheceram — Aléxia aproveitou a deixa para questionar mais sobre os dois..

Seu marido era tão cabeça de vento que sabia pouquíssimas informações da história de amor dos avós, e em todas as reuniões de família ela esquecia de perguntar. Porém, devido às inúmeras questões que cercavam aquela época, não era um dos assuntos favoritos da família.

Carla tossiu limpando a garganta antes de começar a falar.

— Ah, lembra da Marta? — Aléxia assentiu, lembrando da tia simpática de Josué. — Como eu acho que você sabe, quando ela ganhou o

Ben eu fui para Porto das Rosas ajudar no puerpério e por um acaso o Willian era um dos brasileiros vizinhos deles. Muito tempo livre, uma conversa vai engrenando na outra e fim, terminamos casados, unindo as duas famílias!

O olhar distante de Júlia mostrava que não, aquilo não era o fim da história. Enquanto a mãe tinha ido ajudar Marta, ela aproveitou de toda a liberdade de morar sozinha para viver uma vida inconsequente.

Porém, ao mesmo tempo que sua mente tentou acusá-la, ela respirou fundo lembrando do poder de Cristo. Ela havia se arrependido, mudado e Ele restaurou sua vida.

— Acredita que ele usou a desculpa de pedir açúcar para começar a falar comigo? — Carla continuou narrando.

Toda a tarde foi tomada por atualizações de todos os membros da grande família, que era a união dos Mendes-Lopes.

Astra até poderia ter se preocupado, pois precisava entregar a arte dos posts de suas clientes para serem publicados no dia seguinte, entretanto preferiu ficar mais um pouco com os parentes, aconchegada no colo da mãe.

Pela tarde, Josué deixou a esposa em casa e foi ajudar o pai na praia para a mãe ficar descansando.

O crepúsculo não tardou a chegar e com ele um Matias exausto e uma correria para se arrumarem para o culto.

Astra estava ansiosa pelo que reencontraria ali. Até acompanhava a vida dos antigos amigos pelas redes sociais e ainda conversava com um ou outro, mas ver pessoalmente era bem diferente do que na vida virtual

Outra pessoa que rondava seus pensamentos era Isaque, agora já não mais com o rosto de um adolescente, mas, sim, o de um homem formado. Ainda se recordava do sofrimento que ele trouxe para todos quando escolheu se afastar, do caos que havia virado o grupo de jovens na época e os olhares desolados dos seus pais no culto.

Mas quatro anos e uma pandemia poderiam mudar muitas coisas. E aquela seria uma noite de grandes surpresas para a nossa publicitária.





3

O ex-crush desviado toca bateria no culto?

"— Você foi aguardada desde que eu comecei a orar por minha futura esposa. Eu te espero há anos, Cibele, mesmo sem saber. Deus te colocou na minha vida, não da forma como eu tinha imaginado, mas da maneira Dele, para cumprir Seu propósito em nossas vidas."

(Aprendendo A Amar – Ana Luiza Teixeira)

Astra se observou por um longo período na frente do espelho. Ela até queria ser a garota apaixonada por rosa e que usava vários babados, mas simplesmente não se sentia bem nesse estilo.

Desistindo do vestido, trocou de roupa: optou por uma calça *mom jeans* com uma blusa canelada roxa e um coturno. Ela precisava se lembrar constantemente que ser feminina não significava usar *apenas* frufrus, e sim glorificar a Deus com suas vestes.

Após colocar o brinco prata e o colar de tulipa, foi até a sala e encontrou os pais conversando abraçados.

Essa era outra coisa da qual sentia falta. Júlia e Matias nunca tiveram problemas em demonstrar afeto um pelo outro na frente dos filhos, ficar abraçados ou trocar declarações bregas e melosas.

O seu padrão para um marido ser tão alto era por esses motivos. Como iria aceitar algo inferior ao relacionamento dos pais?

— Vocês foram feitos um para o outro mesmo! — Astra brincou interrompendo-os.

Júlia deu um sorriso envergonhado enquanto pegava sua bolsa para saírem. O percurso até a igreja foi ligeiramente caótico por causa das reformas na cidade, que aparentavam durar ainda um longo tempo. Astra soltou um riso com a reclamação do pai enquanto estacionava o carro.

Ela até tentou se esconder atrás dos pais, mas mal deu o primeiro passo dentro do templo e as senhoras já vieram para cima, elogiando seu cabelo, sua pele, falando do quanto tinha emagrecido ou engordado.

— Obrigada, irmã — ela agradeceu a um dos “elogios”, quando a senhora disse que estava acima do peso e trouxe dicas de uma dieta para fazer.

Para sua alegria, o culto não tardou a começar e pôde se sentar ao lado dos pais e do irmão. Ela reconheceu alguns dos membros do louvor, mas outros eram completos estranhos aos seus olhos. Contudo, um deles em específico lhe chamou a atenção.

Simplesmente Isaque Albuquerque estava sentado na bateria.



Astra precisou brigar consigo mesma para não ficar encarando o baterista da igreja. Naquele dia, ele estava com o cabelo em uma espécie de rabo de cavalo, com uma parte presa e a outra solta, as tatuagens também não estavam tão à mostra devido a roupa.

As informações na sua mente simplesmente não batiam. Ela lembrava da quedinha que tinha por ele na adolescência, quando Isaque ainda se dizia filho de crente e frequentava a igreja, um exemplo de rapaz e todo mundo dizia que formariam um bom casal. Porém, quando foram para a mesma

escola no ensino médio, ela viu que não era bem um testemunho positivo que ele dava.

Enquanto na igreja se falava sobre ter uma vida íntima com Deus, no colégio Isaque não tinha problemas em *gazear*[4] aulas, mentir para os professores e até mesmo sair para festas noturnas.

Ela descobriu isso quando encontrou o *Twitter* e o *dix*[5] do rapaz apenas alguns meses mais velho.

No segundo ano, após uma foto de Isaque abraçado a várias latas de cervejas vazar pela internet, ele saiu de vez do meio cristão, indo morar com o tio no sudeste do Paraná.

E desde então Astra não o via.

Bom, até pelo menos o dia anterior, quando ele a salvou com um vinagre, e ali, naquele momento, enquanto ele tocava bateria na igreja.

Então a publicitária lembrou das piadas sobre bateristas que tanto eram feitas na internet. Isaque fazia juz ao título um tanto preconceituoso.

O restante do culto prosseguiu de forma tranquila, com o pastor pregando em Gálatas 5, sobre o fruto do Espírito Santo e as marcas de uma verdadeira conversão.

Para sua tristeza, a família Albuquerque estava sentada algumas fileiras à sua frente e ela precisava se policiar para não ficar encarando as costas de Isaque tentando montar aquele quebra-cabeça.

Ao fim do culto, eles passaram perto dos Lopes para cumprimentá-los.

— Você está enorme! — Cássia a cumprimentou com um beijo no rosto. — E tirando o cabelo, continua a cara da sua mãe.

Astra sorriu constrangida e balançou a cabeça em uma espécie de “oi” para Isaque, que conversava com Josué.

Tentando disfarçar, começou a analisar o restante do ambiente.

Uma das coisas que Astra mais estranhava na igreja era, sem dúvidas, as crianças que já não eram tão crianças assim. Mesmo quando vinha visitar a família antes da pandemia, não conseguia frequentar tanto os cultos.

Algumas novidades ela sabia por acompanhar no *Instagram*, como o casamento da filha do pastor com o carinha do *datashow* — todo mundo já

dizia que a implicância boba dos dois iria terminar no altar. Outros já foram uma completa surpresa, como ver sua antiga melhor amiga de mãos dadas com o ex-namorado.

— Astra, quanto tempo! — Maria a cumprimentou com um abraço. — Lembra do José?

— É claro! Não estava sabendo que vocês tinham voltado.

— Pois é, *guria*[6]. Tem só três meses, não quisemos postar ainda para não dar alvoroço, e ambos somos *low profile*[7], então não ligamos muito.

— Low profile até demais, né? Eu preciso me humilhar para conseguir uma atualizaçãozinha da sua vida.

As duas estavam contando os últimos acontecimentos da vida uma da outra quando João, o tal carinha do datashow, chegou por trás gritando.

— Oh, Astra, estou ansioso pela noite de sábado na sua casa!

Ela arqueoou a sobrancelha, sem entender uma vírgula do que ele tinha falado, já que a casa dela era em Belo Horizonte e, com certeza, nem ela estaria lá tão cedo. No mesmo momento, sentiu o celular vibrando com uma mensagem do irmão.

Josué: Tem um mês que eles estavam discutindo uma casa para assistir filme e a mãe ofereceu a dela

Josué: Dizia que estava muito solitária morar só e sentia saudade da algazarra de jovens

*Josué: * figurinha **

Astra revirou os olhos. Aquela, sem dúvidas, era uma atitude típica de Júlia; até conseguia imaginar a mulher fazendo seu drama básico sobre como os filhos a haviam abandonado e agora era solitária com o marido.

E é claro que de bônus vinha a cobrança pelos netos.



Na segunda-feira seguinte ao culto, Astra aproveitou que não estava tão quente e foi trabalhar na beira-mar. No horário do almoço seus pais usaram o velho argumento do “ela é jovem e nós somos velhos” para convencê-la a ir comprar a marmita.

— Oi, Pedro, tudo bem? Preciso de três marmitas, por favor.

— Oie, claro!

Para sua surpresa, quem saiu de lá com as embalagens foi o dono dos seus últimos pensamentos, também conhecido como Isaque Albuquerque.

— Eu já sei do que seus pais gostam, mas e você?

— Sei lá, eu como de tudo. — Deu de ombros.

Com um gesto de Isaque, eles foram passando pelo buffet. Nas marmitas de Júlia e Matias ele já colocava sem perguntar nada, enquanto que, para a dela, aguardava ouvir as direções.

Como publicitária, foi impossível para Astra não reparar nas embalagens todas muito bem personalizadas. Diferente das comuns, a marmita era quadrada, com divisões para a carne e o feijão, assim não ficava tudo misturado lá dentro.

— Eu amei isso aqui — externalizou o pensamento enquanto ele colocava a tampa. — Sou do time que não gosta de pedir comida fora por vir tudo misturado. Do ponto de vista do marketing, também destaca o diferencial de vocês entre os demais restaurantes.

— Sério? Acredita que não foi proposital? Durante a pandemia, o número de pedidos aumentou drasticamente, até que um dia o formato comum acabou e fomos obrigados a comprar esse aqui. — Ele apontou para a embalagem. — No fim, ela se tornou a favorita dos clientes e aderimos de vez, mesmo sendo um pouco mais cara.

— Sim, e apesar do preço ainda compensa, pois agrega mais valor ao restaurante. Se você quiser, posso ajudar a pensar em outros detalhes também, acho que seria interessante pensar em embalagens personalizadas. Tenho uma amiga designer que conhece uma gráfica bem em conta.

Isaque não pôde evitar sorrir ao ver o interesse genuíno dela em ajudar o restaurante. Seus pais tinham comentado com Júlia sobre pedir ajuda de Astra quando ela estivesse na cidade, só que ninguém contava que ela ofereceria por conta própria.

Não querendo acabar a conversa, ele fez uma proposta sem pensar duas vezes:

— Quer comer aqui hoje? Está no meu horário de almoço, a gente pode sentar juntos e debater mais o tema. — Ao perceber quão direto foi,

gaguejou tentando consertar a frase. — Se não quiser não tem problemas. Eu pensei nisso, mas quero pagar a sua hora, qualquer coisa podemos marcar uma reunião depois.

— Eu quero! — Astra quase gritou, também surpresa com o desejo de permanecer ali. — Só vou entregar a marmita dos meus pais e já venho.

Ela ainda não sabia o que pensar em relação a Isaque, mas queria compreender o que tinha acontecido nesses quase oito anos que os separavam, das fotos nem um pouco cristãs vazadas no Twitter para ele tocando no louvor da igreja.

As tatuagens no braço eram um indício de que essa história não era nem um pouco curta.





4

Ora ora, o baterista não gosta de clichês de Natal

"— Edu é meu melhor amigo! Não me vejo algum dia casando com ele...
— E você vai casar com um inimigo, por acaso?"
(Corajosas – Arlene Diniz, Maria S. Araújo, Queren Ane, Thais Oliveira)

A semana passou voando e não foi de tempo livre. Com a chegada de dezembro, os lançamentos literários natalinos estavam a todo vapor, e Astra corria finalizando os posts para suas autoras.

Após aquela segunda-feira, Astra e Isaque não pararam mais de conversar. No começo, o interesse ficou ainda nas áreas de trabalho de cada um, porém, com o tempo, os assuntos foram se diversificando.

No sábado, ela tirou o dia para fazer o conteúdo do seu próprio perfil, e o Albuquerque a observava perambulando pela praia com seu tripé de companhia. Ele até teve vontade de ir oferecer ajuda, no entanto, um dos funcionários o havia chamado para ajudar na cozinha.

Nesse caso, não seria estranho dizer que ele ficou o tempo todo mal-humorado desde então.

Eram 18h30 quando Astra finalmente conseguiu postar um *reels* engraçadinho que gravou de Amores e Outras Conexões com alguns surfistas de fundo. Dali para o horário da reunião dos jovens foi um pulo.



— Tia Jú, chegamos!

Júlia já aguardava o pessoal com um sorriso no rosto. Ela amava poder abrir a sua casa para proporcionar encontros como aquele, pois lembrava a sua própria juventude com os amigos da igreja.

Vendo um dos meninos com o banco imobiliário na mão, enviou uma foto no grupo que tinha com ela, o irmão, a cunhada e mais um casal de amigos daquela época. Infelizmente, após seu período longe de Cristo, perdeu o contato com as outras duas irmãs que faziam parte do grupinho, já que o pai delas foi transferido para outro estado e a família o acompanhou.

Nina: nesse dia eu já sabia que esses dois iam casar

Júlia: todo mundo sabia!

Marta: mentira que eu não sabia não, nem gostava dele ainda

Júlia: pelo amor, Marta

Júlia: você só não sabia ainda, mas se duvidar dava para tocar no ar a química nas trocas de olhares de vocês

Gabriel: oh Júlia, acho que estou ouvindo daqui de Curitiba a voz do seu marido te chamando

*David: * figurinha **

Júlia: nem parece que já tem mais de meio século

Júlia ria para o celular quando ganhou do filho um beijo na testa. Ele observava os sorrisos e revirar de olhos dela para a tela.

— Tá conversando com o tio Gabriel?

— Como você sabe?

— Mãe, nem eu nem a Astra conseguimos esconder sentimentos, ou ao menos guardar um mísero segredo. A gente tinha que puxar isso de alguém, né?

— E o papai que não foi! Admiro até hoje como ele conseguiu esconder por quase três anos que estava apaixonado por você. — Ao ouvir o nome dela, a garota chegou na cozinha entrando na conversa também.

Os dois irmãos se uniram para provocar a mãe.

Júlia podia não saber esconder nada, mas também era ótima em prever o sentimento dos outros. Foi assim que logo percebeu que o irmão e a cunhada eram apaixonados um pelo outro.

Por isso, quando viu a filha engolindo em seco com a chegada de Isaque, mais tarde, soube que havia algo ali. E ela apoiava muito aquilo.



— Como Astra é a "visitante" hoje, ela quem vai escolher nosso filme — João começou abrindo a *Netflix* em seu notebook. — É obrigatório ser de Natal e que tenha na *Netflix*, porque sou pobre, recém-casado e esse é o único *streaming* que a gente consegue pagar.

— O que eu quiser? — A publicitária abriu o aplicativo no próprio celular procurando as opções.

Eles estavam discutindo entre "O Príncipe do Natal" e "A Princesa e a Plebeia" quando Isaque e Pedro chegaram. A irmã mais nova dos Albuquerque, Letícia, tinha pedido para participar também, mas como ela ainda era adolescente, ganhou um lindo "não" na cara.

Astra e Isaque trocaram um sorriso de longe.

— Os atrasados pagam a pizza! — O clima foi quebrado por José jogando uma bolinha de papel neles e recebendo um peteleco de volta na nuca.

— Sabadou, né? Não conseguimos sair mais cedo, mas que bom que chegamos antes do filme. Vai ser o que? Terra Selvagem? As Crônicas de Nárnia? Algum lançamento da Marvel?

Com a pergunta de Isaque, todos os olhares se concentraram em Astra, e Maria a incentivou a dar o veredito final.

— A Princesa e a Plebeia? — a garota respondeu meio em dúvida se aquela era a alternativa correta, visto que era tão diferente das sugestões dele. — A versão da Netflix, não da Barbie.

Quem quebrou o silêncio absoluto foi Pedro com uma gargalhada e tapinhas nas costas do irmão.

— Não, eu não aceito.

— Isaque, da última vez a gente já viu uma sugestão sua, hoje foi dia da Astra escolher e estamos em dezembro, é Natal! — José, o namorado de Maria, rebateu.

— Coloca então “Esqueceram de Mim” e não essas patifarias de filmes melosos.

Enquanto um estava em pé tentando explicar todos os motivos para não querer um romance, o outro estava sentado deixando claro que não era ele quem ditava as regras.

— Poh, esse nem é cristão — o Albuquerque tentou mais uma vez, com seus argumentos acabando.

— E Marvel é muito gospel, não é, Isaque? Ah, faça-me o favor! — Maria perdeu a paciência, indo até o computador. — Veremos “A Princesa e a Plebeia” e acho bom não ouvir um pio do senhor pelas próximas — ela parou para conferir a duração do filme — uma hora e quarenta minutos, estamos entendidos?

Isaque não conteve o revirar de olhos e assentiu. Era até engraçada a cena de um homem alto e barbudo emburrado no canto do sofá enquanto assistia uma confeiteira trocar de lugar com uma futura rainha.

As quase duas horas passaram rápido. Como todo bom grupo de jovens, era óbvio que teve muita conversa e tiração de sarro, principalmente de alguns rapazes com Isaque durante as cenas de beijo dos protagonistas, pois eles sabiam a opinião do rapaz sobre aquilo.

Já Astra, por não fazer parte da panelinha, interpretou errado as piadas feitas, achando que ele era super mulherengo e o *pegador* da igreja.

Ela não soube explicar o sentimento de frustração que sentiu com aquilo, afinal, não havia nada entre eles para ter criado alguma expectativa.

— E aí, o que acharam? — Maria perguntou após acender as luzes.

— Uma besteira, eu realmente não vejo lógica nesses filmes que exaltam um romance irreal, as garotas assistem isso e se iludem achando que vão encontrar o príncipe encantado na próxima esquina.

Nessa hora, quem perdeu a paciência foi Astra, que se levantou ajeitando a postura antes de se dirigir ao homem.

— *Okay*, senhor superior, todos já entendemos que seu mundo é cinza e você não gosta de romance.

— Não é isso, só estou dizendo que cria uma romantização que não existe!

— Ou talvez exista e você só tenha um coração de pedra, não? — No fundo foi escutado um "wow". — Vivemos em um mundo tão ruim que uma dose de irrealidade às vezes é boa, para nos lembrar que ainda há esperança.

— Esperança em um namoro? Achei que ela deveria estar no seu Cristo.

— Esperança em um futuro, até porque, se me lembro bem, o *meu* Cristo não era contra o casamento. Se você for olhar em Cânticos…

A discussão dos dois seguiu por longos minutos. Os olhos dos outros jovens eram como bolinhas de pingue pongue, indo de um lado para o outro.

Isaque estava pronto para se defender mais uma vez quando foi interrompido por Júlia com as pizzas.

— O que está acontecendo aqui? — ela perguntou com a mão na cintura vendo ambos em pé enquanto todo o resto observava. Inclusive, João comia sua pipoca como se estivesse ainda vendo o filme.

— Estou explicando para o querido aqui que enredos românticos clichês são bons e úteis, não só filminho cult da Marvel — Astra contou com um olhar fulminante para o outro.

— E eu estou tentando fazer sua digníssima filha entender que por trás desses romancezinhos existe idolatria ao relacionamento perfeito.

Entretanto, apesar dos tons de vozes ácidos e das indiretas, eles estavam mais se divertindo do que brigando em si.

O resto da noite seguiu assim, entre risos e provocações um ao outro sobre filmografia. E todo um grupo com o mesmo pensamento de: "vai dar

casamento”.





5

Pecadores perdoados perdoam outro pecadores



"— Alison, por três anos você esteve comigo e ainda não aprendeu? Não importa o que você faça, nem o que diga, nem o quanto lute contra mim, nem para quão longe se afaste dos meus braços: você nunca deixará de ser minha filha. E eu vou sempre, sempre te amar."
(Se Pudesse Contar As Estrelas – Becca Mackenzie)

Mesmo com Astra sendo contra, João a adicionou no grupo de jovens no WhatsApp, dizendo que, enquanto ela ficasse na cidade, fazia parte dos rolês deles. Foi então que ela descobriu que o garoto, que já era um homem, era o novo líder com a esposa.

Isaque viu naquilo uma oportunidade para se aproximar, por isso usou de desculpa uma mensagem pedindo orçamento para as redes sociais do restaurante do pai.

Como toda boa romântica, foi impossível para Astra não *fanficar*[8] um lindo *haters to lovers*[9] com Isaque, ainda mais após as implicações do dia anterior. Apesar dela admitir que talvez seria mais perto de um *friends*

to stranger to lovers, isto é, amigos que se tornaram estranhos e depois se apaixonaram, do que algo envolvendo ódio.

Mas, ao mesmo tempo, ela repetia em sua mente que não iria se envolver com um não cristão, ou talvez no máximo um neófito, já que aparentemente estava pagando de crente agora.

Lembrava da história da sua mãe. Deus até poderia ter restaurado a vida de Júlia, entretanto as consequências de seus atos sempre estariam lá, e Astra não queria viver a mesma coisa.

Por isso, quando chegou na Igreja, não conseguiu encarar o rapaz nos olhos e logo se sentou ao lado do irmão.

O Albuquerque estranhou, estava pronto para puxar um assunto qualquer quando ela passou por ele com apenas um aceno de cabeça; ainda mais após a conversa que Matias havia tido com ele poucos minutos antes. Mas preferiu jogar as preocupações no fundo da mente, torcendo para ser apenas algo relacionado ao humor do dia do que uma atitude dele que a deixou desconfortável.

Todo o culto prosseguiu normalmente, da mesma forma que o anterior, até que chamaram o pregador da noite.

E se Astra não estivesse muito bem sentada, ela teria caído no chão ao ver Isaque Albuquerque subindo ao púlpito.

Ela mordeu o lábio sentindo seu coração acelerar conforme o homem pegava no microfone e cumprimentava a igreja.

A Lopes aproveitou que poderia analisá-lo para reparar um pouco mais nele, como o cabelo comprido preso em coque e as tatuagens que cobriam seu braço, quis poder ver mais de perto quais eram os desenhos específicos.

Júlia reparou nas reações da filha, cochichando com Matias que aquilo ia dar casamento e ganhando um olhar de repreensão do marido. Não que ele pensasse diferente, só não era tão transparente quanto a esposa.

Naquela noite, se iniciava as pregações do Advento, por isso o rapaz usou o Antigo Testamento como base da sua pregação, abordando sobre o aspecto histórico do mundo anterior a vinda do Messias.

“Okay, ele é inteligente”, Astra pensava enquanto ouvia a série de argumentos muito bem interligados ao tema, sem um único furo ou ponto

fora do lugar.

Ela podia não ser a pessoa mais romântica do mundo, mas era uma mulher que sonhava em casar, e uma leitora de romances clichês. Naquele momento sua mente se encheu de dúvidas e possibilidades.

Em todos os seus vinte e três anos, nunca tinha encontrado alguém do sexo oposto que fosse tão fácil de conversar, que gostasse de passar horas apenas ouvindo, ou que não se importasse quando ela desatava a falar.

Astra se repreendia, havia apenas uma semana que conversavam e ela já estava ali, com todo o enredo de amor muito bem formado na cabeça.

E se ela não quis encará-lo na entrada, a saída foi a tortura pura, quando ele lhe fez um aceno na hora de se despedir.

O coração da publicitária errou algumas batidas com aquele sorriso. Ela iria precisar cortar os romances por um bom tempo.

Já do outro lado, o nosso pobre baterista precisava aguentar as piadas do irmão mais novo sobre o quanto Astra estava linda naquela noite e que só faltava o cavaleiro no cavalo branco chegar para resgatá-la.

Isaque não precisava de muito para saber que nunca seria digno da garota, não depois de pisar tanto na bola na adolescência.



Deitada em sua cama, rolando de forma aleatória o *feed* do Instagram, Astra estava quase indo dormir quando ouviu alguém à sua porta. As duas batidinhas eram clássicas de sua mãe.

— Entra!

— Oi, meu amor, posso ficar aqui com você?

A ruiva assentiu, vendo a mãe entrando com duas xícaras de chá e alguns chocolates. Ela tinha sentido falta das noites das garotas, quando as duas passavam tempo juntas conversando e assistindo filmes românticos.

Até tentaram manter a tradição na pandemia, porém não era a mesma coisa do que o cara-a-cara do presencial.

— Mãe, posso te fazer uma pergunta? — Ela assoprou o líquido antes de colocar para fora algumas dúvidas que a cercavam. — Como você soube

que o pai era a pessoa certa? Tipo, quando percebeu que tinha se apaixonado por ele e… Enfim, você entendeu.

Júlia assentiu, encostando na cabeceira da cama de casal e refletindo toda a sua história com Matias.

— Bom, é complicado. Como você sabe, eu e seu pai fomos amigos por quase três anos antes dele se declarar. Então não sei dizer se houve algum momento específico em que percebi estar apaixonada. Só — fez uma pausa respirando —, aconteceu.

A loira se lembrava da primeira vez que o viu: era seu primeiro culto após anos sem frequentar a igreja, Josué tinha poucos meses de vida e lá estava ela, uma mãe solteira tentando equilibrar um bebê no colo e suas muitas coisas. Então um rapaz apareceu oferecendo ajuda com sua bolsa.

Júlia não poderia negar que sim, o achou bonito desde o primeiro olhar, mas naquele momento nunca imaginou que iria casar com aquele homem, não se achava digna.

— Acho que o dia em que percebi que era algo além de amizade foi quando a Nina o conheceu e comentou que a esposa dele teria muita sorte. Fui dormir pensando que já odiava aquela mulher sem nem a conhecer. — As duas riram da situação. — Eu vi um vídeo seu esses dias usando um nome para histórias assim, como era mesmo?

— Friends to lovers?

— Isso, fomos um digno melhores amigos que se apaixonam. Primeiro me apaixonei pelo cuidado que ele tinha com seu irmão, mesmo antes de um relacionamento comigo ele já era a figura paterna que Josué precisava e que o *impronunciável* nunca foi.

Astra riu da forma como ela se referiu ao pai de Josué. O nome de Nicolas nunca foi bem-vindo naquela casa, a primeira vez que a ruiva o conheceu foi no aniversário de dez anos do irmão, quando o homem chegou achando ser o pai do ano por ter dado um xbox de presente para o garoto.

Ele nunca havia sido presente, e após ver que o filho também havia virado cristão fervoroso, largou mão de qualquer contato íntimo.

Júlia sempre agradeceria a Deus por Matias ter aparecido na sua vida, o homem não foi importante apenas na história dela como também mudou a

vida de seu filho, ignorando os laços sanguíneos e sendo um verdadeiro pai do coração.

— Mas por que a pergunta?

Astra deitou as costas na cama, pensando como explicar para a mãe as dúvidas que assolavam sua mente, sendo que jamais teve um mísero sinal do outro lado.

— Talvez eu tenha uma mente muito fértil e esteja criando um enredo na minha cabeça que não faz sentido com a vida real.

— Isaque?

A ruiva bufou rindo, era claro que sua mãe já teria pegado a situação, Júlia sempre era a primeira a ver um casal sendo formado.

Foi assim com Marta e Gabriel, com Josué e Aléxia e até mesmo com a sobrinha Catarina. Somente Benjamin escapou dos olhares da tia, mas foi porque estava bem longe dela quando se apaixonou.

— Ele disse alguma coisa? — questionou à filha, averiguando até onde poderia ir.

Diferente da juventude, atualmente ela sabia muito bem o perigo de suas falas para o coração de uma mulher, por isso fazia o possível para manter seus “shipps” apenas entre ela e o marido.

Porém, é claro que só estava sondando o coração da filha porque já conhecia o do rapaz. O próprio Matias, direto como era, havia ido confrontá-lo antes do culto, ainda mais após observar as interações dos dois durante a semana e, especialmente, no dia anterior durante o filme.

E Isaque acabou revelando que sim, a possibilidade havia passado por sua mente e ele vinha orando por uma resposta de Deus. Também disse que ainda era muito cedo, não queria defraudá-la, porém estava se dando a chance de conhecê-la melhor.

— Ele não falou nada. Mas esse não é o pior dos problemas. Eu vejo o que aconteceu entre você e o pai do Jô e tenho medo de viver a mesma coisa. E se, sei lá, eu entregar meu coração e ele não for realmente o cristão? Está na igreja só pelas aparências? Ao mesmo tempo, parecem bobos esses questionamentos, sendo que só estamos conversando há uma semana.

— Astra, sobre a última pergunta, você passou quase todos os últimos dias conversando com ele na praia.

A garota colocou a almofada na cabeça tentando esconder as lembranças. Na terça, ele tinha ido ao carrinho da mãe comprar um churros e começou a perguntar para ela sobre seu serviço de social media, pois estava pensando em investir nas redes do restaurante e não sabia por onde começar.

Um assunto engrenou no outro e eles ficaram a tarde inteira debatendo empreendedorismo e o quanto a cidade não investia no turismo. No dia seguinte foi a mesma coisa, só sendo interrompidos por Pedro o ligando para pedir ajuda com o troco do caixa.

E mesmo nos momentos que não conseguiam conversar, ele fazia questão de ir pelo menos dar um “oi” para elas, ou levar o almoço, ao invés de deixar Astra ir buscar a marmita.

— Nunca me imaginei vivendo um *fast burn* — murmurou ainda contra o travesseiro.

— Um o quê?

— Nada, esquece. O que eu faço agora?

— Bom, vamos às primeiras perguntas. — Júlia ajeitou a postura. — Você confia que alguém possa se converter verdadeiramente? Que mesmo vivendo uma vida de pecado, a pessoa pode se arrepender e buscar a santidade dia-a-dia? Que o sangue de Cristo lava todos os pecados?

— Claro que sim, tenho você como o maior exemplo disso.

A mulher riu com a sinceridade da filha.

— Então qual a dificuldade em confiar na de Isaque?

— O medo de não ser sincero e apenas fogo de palha — confessou.

Astra achava engraçado elas estarem tendo aquela conversa sendo que nunca houve nenhuma declaração da parte dele. Entretanto, viver com sua mãe era assim, sempre deixar as coisas o mais claras possíveis antes que houvesse problemas.

— Bom, quanto a isso só os frutos vão dizer. Como dizem, a salvação não é pelas obras, mas são elas que irão dizer se a pessoa realmente foi salva ou não. Alguém que está na igreja apenas por razões próprias logo cai e fica explícito isso. — Ela fez uma pausa pensando se acrescentava ou não

mais uma informação. — E eu te garanto que Nicolas nunca deu nenhum sinal de sua salvação, mesmo há meses na igreja era explícito que sua mente não havia mudado nem um pouco.

Júlia até pensou se deveria falar ou não que já vinha acompanhando Isaque desde a conversão, sobre os inúmeros almoços que as duas famílias tiveram juntos nos últimos três anos, sobre vira e mexe ele se aconselhar diretamente com Matias sobre questões da caminhada cristã. Porém, preferiu deixar aquelas informações para a própria Astra descobrir com o tempo.

As duas passaram mais algumas horas conversando. Terminaram o assunto sobre Isaque quando Júlia contou um pouquinho sobre o exemplo que ele vinha sendo na igreja, e depois já partiram para outros assuntos.

Só foram dormir após um Matias sonolento ter ido buscar a esposa, brincando que a filha estava querendo roubá-la dele.

Já Astra havia perdido o sono, preocupada entre despertar o amor antes da hora ou pelo seu receio de perder a oportunidade de conhecer alguém incrível.

Como ela estava atrasada na leitura do livro do mês do Clube do Cortejo, aproveitou para maratonar “Do Deserto ao Jardim” e de bônus apanhava com o próprio exemplo de conversão da Marissol.





6

Calvinismo, cortejo e muitas risadas

"Eu sabia como apenas os olhos poderiam ser suficientes para insinuar sentimentos profundos como o amor."
(Amor Real #1 – Maina Mattos)

Astra não percebeu o momento em que um sorriso surgiu em seu rosto, mas ele estava lá desde quando avistou Isaque sentado em uma cadeira com um livro em mãos.

Já haviam passado duas semanas desde que ela chegou na cidade, e eles conversaram quase todos os dias.

Após a noite com a mãe, ela tinha ficado acanhada, quase o tratando com frieza pelo medo do que poderia sentir. Mas a insistência sincera dele tornou o clima tão leve que ela não percebeu que já estava ansiando a sua presença.

Seus receios em relação à conversão dele foram calados, já não duvidava mais do caráter realmente cristão do rapaz. E o coração? Bom, ele

já era um ponto de preocupação da jovem, pois não era burra, percebia que aos poucos o Albuquerque estava tomando conta.

Antes de caminhar até ele, a publicitária passou no carrinho da mãe pedindo dois churros de leite condensado com granulado colorido.

— Sabia que esse é o sabor favorito de Isaque? — Júlia deu risada com as bochechas vermelhas da filha.

— Jura? Não sabia! — respondeu ignorando a insinuação de sua mãe.

Se ela *fanficou* um namoro com o rapaz a cada conversa? É claro, ela não era burra. Mas não iria se jogar em cima dele.

Como dizia no grupo de amigas: ela era a princesa, iria aguardar sentadinha em seu trono sem mexer um dedo.

— Tá boa a leitura aí? — questionou sentando na cadeira ao seu lado. — Quer?

Isaque iria negar, mas quando viu que ela tinha outro em mãos, sorriu assentindo.

— Obrigada! Na verdade, já li este aqui algumas boas vezes, porém agora estou relendo com um amigo.

Astra engoliu em seco ao ver a capa de “Cinco Pontos”, do Piper.

“Vamos lá, querido coração, é só um livro”.

— Predestinado? — Sorriu também pegando um livro na bolsa, mas, ao invés de um teológico, era um romance clichê.

— Pois é, não tive muita escolha! — Deu de ombros rindo. — Você é arminiana? Por favor, não vamos discutir! — brincou.

Astra comprimiu os lábios, na verdade era o contrário. Ela ia responder de forma séria, até perceber que ele também estava brincando.

— Sabe como é, né, predestinada! Quando acontece não temos como fugir, Ele puxa pela orelha.

O sorriso de Isaque aumentou com a confirmação que ela também seguia a visão reformada.

Júlia levou um pedaço de churros à boca apenas observando as risadas altas. A mulher usou o celular para tirar uma foto do quase casal e enviar para Marta, sua cunhada, com um coração na legenda.

— E você, o que está lendo? — o Albuquerque questionou tentando ver a capa do livro, mas falhando.

— Ah, acho que você não vai conhecer, é um romance, se chama “Meu Enredo de Amor”.

E foi aí que ela se enganou, ele conhecia muito bem.

— Das Côrte Queens, né?

— Você as conhece? — O grito de Astra poderia muito bem ter sido ouvido do outro lado da cidade.

— A Letícia é viciada em romance, ela me obrigou a ler — explicou sem contar toda a história.

Realmente a irmã adolescente o tinha obrigado a ler as autoras, começando por “Do Deserto ao Jardim”, que falava sobre conversão, e Letícia dizia ser perfeito para ele. Com o tempo, Isaque se tornou um dos poucos homens que consumiam o romance de cortejo.

Como não era fã dos e-books, pois só gostava de ler pegando mesmo na mão, só lia aqueles que tinham a versão física. E no momento aguardava o exemplar de “Amor e Graça” chegar, romance de época que, segundo a irmã, Isaque super se identificaria com a protagonista.

— É até irônico, levando em conta que você é todo contra o romance e o clichê — a ruiva ironizou lembrando da discussão dos dois.

— Ei, ei! Vamos com calma. A minha crítica é justamente sobre a romantização irreal. Nos romances de cortejo vemos algo diferente, mostra algo clichê, mas também aponta que somos pecadores e o único perfeito é Cristo.

— Aham, vou fingir que acredito. — Astra abaixou a voz como se fosse confidenciar um grande segredo. — Agora me conta a verdade, você assiste filmes de romance escondido de madrugada, não é? Será que escuta Taylor Swift também?

Isaque entrou na brincadeira, repetindo a posição dela.

— Olha, confesso que entrei em depressão quando ela não anunciou nem o RepTV nem a presença da Paula Fernandes durante a turnê no Brasil.

E foi aí que Astra desistiu de permanecer séria, até mesmo Júlia e Matias se assustaram com a risada alta da garota.

— *Okay*, eu não consigo imaginar você ouvindo Taylor Swift.

— Que bom, porque não escuto. Mas Letícia é fissurada nessa mulher e fui eu o coitado que precisou aguentar todos os seus surtos durante a Eras sei lá o que.

Ela continuou o provocando mais um pouco sobre cultura pop antes deles entrarem no campo da teologia.

— Eu estou pensando em, após finalizar administração, cursar teologia. Quando me converti, o pastor me indicou muitos livros e descobri que é um assunto que eu estudaria sem cansar.

— E qual área você mais se interessa dentro da teologia?

A publicitária procurou não ficar babando enquanto escutava Isaque gesticulando sobre soteriologia e o trabalho missional com tribos urbanas. Ele explicou que não pensava em fazer viagens para outros países, mas às vezes surgia o interesse em fazer uma escola de missões para poder melhorar a atuação dentro da cidade.

"Ótimo que meu emprego é home office e posso viajar tranquilamente junto", ela pensou, mas conteve a língua antes de deixar aquela informação escapar.

— E você, Astra, escreve também?

— Não, não, e nem penso nisso na verdade.

— Jura? Nossa, sempre que vejo alguém apaixonado por livros a pessoa acaba virando escritora uma hora ou outra.

Ela riu, ajeitando os cabelos ruivos em um coque mal feito, antes de explicar seu ponto de vista.

— Sim, teve um período que eu entrei nessa crise, se deveria mesmo começar a escrever. Mas orei e entendi que não. No momento, meu chamado é indicar e incentivar os autores da ficção cristã.

— Hum, interessante saber, e qual seu livro favorito?

— Você sabe que essa pergunta não se faz para uma leitora, não é? Meu coração é grande e tenho muitos amores!

— Então me passa um *ranking*. Seus tops romances de cortejo, já que começamos falando disso.

O interesse de Isaque não era meramente os gostos dela, mas descobrir se a garota lia o gênero por concordar com os princípios ou apenas gostava de romances em geral.

Astra precisou frear a sua imaginação. Naquela etapa, era um pulo para ele colocar uma aliança em seu dedo.

O coração de ambos batia forte naquele momento, cada um com as expectativas das consequências da resposta dela.

— Eu não sou *a* leitora de romance, porém, esse ano, resolvi dar uma chance, por isso ainda não li todos do gênero. Mas, até então, os que mais gostei foram Amor e Graça, Acima do Sol e Meu Querido Caipira, mas estou lendo Meu Enredo de Amor e Do Deserto ao Jardim em e-book.

— O da Aline foi o primeiro que eu li, a Letícia ficou meses falando na minha cabeça que eu me identificaria com a Marissol.

— Patricinha igual?

Isaque não conteve a gargalhada. Normalmente as pessoas o chamavam de roqueiro, brutamontes ou ogro, principalmente pela sua aparência, mas patricinha jamais passou pela sua cabeça.

— Já li quase todos que tem em físico, mas os meus favoritos do gênero são da Isabella Lewis.

— A rainha escritora? Sabia que eu tenho um livro autografado dela?

— Você o quê? — Ele a olhou chocado.

Não era como se ele conseguisse imaginar alguém do fim do mundo do Paraná conhecendo a antiga rainha de Porto das Rosas.

— Na verdade, é da minha mãe e eu finjo que ela me deu — confessou olhando com o canto do olho para o carrinho onde Júlia atendia. — Meu tio conseguiu o primeiro livro na década de oitenta, antes dela se tornar rainha. Ele também arranjou um para minha tia uns anos depois — explicou.

— Como ele fez isso?

— Boa pergunta. O tio Gabriel é louco! — Deu risada.

Naquele dia, eles ficaram muitas horas conversando sobre literatura e teologia, sem saberem que estavam sendo resposta de oração um do outro.





7

Uma dose de romance na Ilha do Rato



"— Acredito que o amor tem mais a ver com uma escolha que requer compromisso do que um sentimento. [...] Ao ter compromisso de ambos os lados a relação funciona. Já a emoção acaba com o tempo."
(Meu Enredo De Amor – Maina Mattos, Kell Carvalho, Aline Moretho E Dulci Verissimo)

Astra achava engraçado como fazia apenas dois dias que não via Isaque e sentia uma falta absurda de conversar com ele. Ela nunca tinha encontrado alguém com quem se identificava tanto em assuntos primordiais para ela.

Para sua tristeza, não tinha conseguido entrar diretamente na temática de cortejo naquele dia para saber a opinião dele. Mas só de ter interesse já despertava uma expectativa em seu pobre coração.

Com o tablet na bolsa, a publicitária pegou a moto de Matias para ir até a praia.

Estava indo um pouco após os pais, pois na noite anterior precisou ficar trabalhando até tarde na arte de alguns lançamentos, pois um dos romances cristãos natalinos viralizou no Instagram e a autora pediu socorro para aproveitar o *hype* com mais publicações.

Ela fez com gosto, feliz pelos inúmeros comentários variando entre “Romance cristão existe? Como eu nunca soube disso???” e “Esse livro é perfeito, todo mundo precisa ler”.

Claro que também havia os desocupados dizendo que ficção cristã era heresia, que mentira era do Diabo e que esse povo precisa ler a Bíblia. Mas ela ignorou esses, pelo menos estavam dando engajamento para o vídeo chegar em mais potenciais leitores.

Ao se aproximar da barraquinha de churros para cumprimentar os pais, encontrou os dois sentados conversando com Isaque.

Seu coração acelerou pensando nos mil assuntos que poderiam ser, e murchou quando descobriu ser algo aleatório.

— Oi, princesa! — Matias levantou, dando-lhe um beijo na testa e cedendo sua cadeira para ela. — Fica aqui, vou fritar mais churros. Ajude esses dois indecisos.

— Qual o assunto?

— Isaque veio pedir ajuda, pois os pais dele querem fazer uma decoração natalina no restaurante. Isaque, agora explique a sua implicância. — Júlia jogou a bomba para ele.

— Vai me dizer que, além de filme de Natal, você também odeia decoração?

O rapaz riu do jeito de Astra. Ela realmente nunca o deixaria em paz, sempre que podia o alfinetava com aquela discussão.

— Na verdade, eu queria pensar em algo mais brasileiro, sabe? Nós moramos na praia, e neste verão o calor está se superando — acrescentou. — Mas em todos os lugares temos neve, gorros, guirlandas, meias e coisas que remetem ao inverno. Eu sei que a estética é linda, só não quero repeti-la.

— Bom, é só criarmos algo diferente e único, então. Vou procurar referências no Pinterest.

Ela usando seu lado publicitária, e ele, de futuro administrador. Com o caderninho em mãos e um aplicativo de fotos aberto, os dois ficaram até a hora do almoço buscando inspirações diferentes.

Isaque foi ao restaurante do pai buscar marmitas e lá recebeu uma notícia que o fez voltar cabisbaixo com as quatro embalagens.

— Desculpa, vou ter que sair — pediu entregando a marmita dela e depois outras duas para Júlia e Matias. — Minha mãe lembrou que tenho uma reunião com um fornecedor em Guaratuba.

Aquela era uma cidade vizinha e a ligação do litoral do Paraná com Santa Catarina.

Passar o tempo ao lado de Astra era tão bom que o fazia esquecer de compromissos importantes como aquele. O rapaz estava começando a questionar a própria sanidade.

A ruiva assentiu, se sentindo idiota por ficar triste com aquilo. Após o almoço, ela deixou os tênis dentro da barraquinha, colocou uma cadeira perto do mar e pegou o tablet para planejar mais alguns conteúdos para o *litera.astra*, seu perfil para falar de livros. Estava tão concentrada em uma copy sobre terror cristão que deu um pulo com a notificação que chegou no *WhatsApp*.

Isaque: minha mãe me deu a ideia de você ir comigo e, após a reunião, a gente passar em uma lojinha lá do centro para comprar a decoração

Isaque: a Letícia vai junto, não se preocupe, não ficaremos sozinhos

Ela se segurou para não correr até o quiosque dos pais. Após mostrar a mensagem e ganhar permissão deles, Astra colocou o tênis tentando acalmar o coração antes de chegar ao restaurante.

Como havia respondido positivamente, Isaque já a esperava dentro do carro com o banco do carona vago e a irmã dele sentada atrás.

— Me perdoa por ter sido assim em cima da hora. Se Deus quiser, a reunião será rápida e logo partiremos para as compras! — Piscou enquanto dava partida.

O início do trajeto foi silencioso, nenhum dos dois conseguia pensar em algum assunto e a mais nova estava concentrada no próprio celular.

Para chegar em Guaratuba só havia duas formas: via *ferry-boat* atravessando a baía, ou por terra. A segunda pção precisava dar a volta por Curitiba e um trajeto que poderia ser feito em meia hora levaria de três a quatro.

Nenhum dos três se dispôs a sair do conforto do ar condicionado para o calor e o sol, por isso optaram por aguardar a travessia de dentro do carro mesmo.

— Astra — Letícia chamou quando entraram em Guaratuba, ela já estava ficando entediada daquele silêncio todo. — Eu estava vendo suas fotos, você participou da FEFIC[10], né? Te acompanhei muito nos três dias do evento, tava postando mais do que as autoras.

A publicitária riu do jeito da garota, mal sabia ela o cansaço que aquelas escritoras estavam sentindo, então a última preocupação delas era conteúdo para as redes sociais.

— Sim, participei só como leitora e voluntária em alguns horários.

— E como foi? Me conta tudo!

Com um sorriso involuntário nos lábios, Isaque observou pelo canto dos olhos as duas conversando animadas.

Mesmo amando a irmã, a relação dos dois não era das melhores, principalmente pelos dez anos que os afastaram. Os romances cristãos haviam sido uma forma que ele encontrou de entrar no mundinho dela, e ficava feliz em ver outra pessoa também conseguindo aquilo.

Para a alegria das garotas, havia uma sorveteria perto do local da reunião, por isso as duas foram para lá aguardar o Albuquerque.

A publicitária não pode deixar de rir internamente ao ver toda a cidade com decorações natalinas, estas que incluíam gorros, meias e trenós, bem diferente do calor que estava.

— Astra — Letícia chamou após se sentar com seu pote já em mãos —, você e meu irmão vão casar?

A mais velha se surpreendeu com o quão direta ela havia sido na pergunta.

Ela também se perguntava aquilo, só não tinha uma resposta. Pensou alguns segundos em como explicar o assunto de forma que a mais nova entendesse.

— Você já leu “Meu Enredo de Amor”, certo? — Ela assentiu. — Então sabe muito bem que eu não posso ser a primeira a dar um passo. Enquanto eu não tiver palavras concretas do seu irmão, e não apenas sinais, a minha resposta será “não, não nos casaremos”.

Leticia assentiu, concordando com o ponto de vista e com vontade de puxar o outro pela orelha.

— Agora, mudando de assunto, mas nem tanto, qual seu livro favorito?

A próxima hora foi regada a muitas indicações literárias voltadas para a idade da adolescente. Ao mesmo tempo que Astra ficava feliz por Letícia já ter entrado nesse mundinho desde nova, também se preocupava por ela consumir apenas romances, por isso já havia feito uma notinha mental para comprar uma fantasia infanto-juvenil para lhe dar de Natal.



A reunião entre Isaque e o fornecedor havia demorado mais que o previsto. Então, somando o tempo nas compras das decorações, quando eles embarcaram no *ferry-boat* para voltar, já estava começando a anoitecer.

— Mano, não está mais tão calor agora, vamos sair, porfavorzinho! — Leticia implorava aderindo a encher o rosto do rapaz de beijos tentando convencê-lo.

— Só se a Astra quiser.

— Então vamos! Esse pôr-do-sol está perfeito!

Com um gritinho da mais nova, os três subiram até o último andar do barco.

Soltando o cabelo, Astra se apoiou na mureta para observar a paisagem. Isaque ficou admirando-a de longe, até receber um beliscão da irmã mandando-o se aproximar.

Parando ao seu lado, os dois ficaram alguns minutos em silêncio, apenas aproveitando a companhia um do outro. Era a primeira vez que Astra sentia que podia apenas ser ela mesma, sem receios, sem ter que se vestir ou agir diferente para surpreender alguém.

E foi com isso em mente que ela se deixou falar a coisa mais aleatória possível.

— Vinte e três anos e até hoje não entendi porque a chamam de Ilha do Rato. — Ela apontou para o pequeno pedaço de terra de nome peculiar.

— Boa pergunta, será que de algum ângulo ela tem a forma de um rato gigante?

— Ou talvez quando a encontraram era infestada desses bichos?

Do outro lado da plataforma, Letícia, com um sorriso, tirava diversas fotos do ainda não-casal.

Se tudo desse certo, em breve uma delas estaria de *wallpaper* no celular de um dos dois.





8

Havaianas de pisca-pisca e Papai-Noel de óculos de sol



"— O Natal ainda será Natal sem decorações, elas são uma expressão do significado real. Se Cristo nos amou de modo tão intenso ao encarnar, que hipocrisia seria de minha parte preferir árvores, enfeites e tudo mais ao invés do bem estar do meu marido."
(Um Amor Arranjado – Lavinia Queiroz E Lyta Racielly)

Emanuel Albuquerque escolheu a segunda-feira, o dia menos movimentado, para decorarem o restaurante. Ele não confiava tanto naquela ideia louca do filho e de Astra, ainda mais por faltarem apenas seis dias para o Natal, mas os dois tinham garantido que seria útil para o verão inteiro, não apenas até 24 de dezembro.

Isaque havia obrigado os pais a ficarem em casa, garantindo que ele e os irmãos, junto com Astra e Josué, dariam conta do recado.

— Cadê a Aléxia? — a ruiva perguntou prendendo os cabelos ao entrarem no local.

— Ah, ela não acordou muito bem, então preferi deixá-la descansar — Josué explicou de forma casual, sem se atentar às informações que estava soltando.

— Nossa, ela tem uma imunidade muito baixa, não é? Desde que cheguei vive passando mal, dá para contar nos dedos os dias que a vi.

Josué já havia confidenciado a Isaque as causas da indisposição da esposa, por isso o Albuquerque logo entrou na conversa tentando distrair a publicitária.

— Vamos começar, galerinha? Como toda boa marketeira, será Astra quem guiará a gente. O restaurante do meu pai está em suas mãos! — Ele fez uma reverência entregando-lhe uma das sacolas.

Com uma caixinha de som em mãos, Letícia ligou a *playlist*, que variava de Mariah Carey até Projeto Sola, todas músicas com a temática de Natal.

A paleta escolhida para a decoração tinha sido verde, amarelo e vermelho. Eles iriam investir pesado nas duas primeiras cores, para trazer o máximo possível da vibe verão, e complementando com a última para o clima natalino.

Astra entregou para Pedro e Letícia toalha nos três tons junto e um mapa das mesas, sobre as quais cada uma deveria ser colocada, criando um degradê dos tons. Para aquela parte, havia pedido socorro a uma amiga que era designer de interiores.

Josué ficou responsável por pendurar alguns festões, sem neve, é claro, nos balcões do caixa e do buffet.

Isaque ficou junto com Astra para a melhor parte: os objetos decorativos.

— Vamos começar pelo abacaxi?

Ela concordou com a sugestão dele. Após colocarem a fruta artificial na mesinha da entrada do estabelecimento, eles ficaram encarando-a por um tempo pensando em como decorá-la.

Os próximos minutos foram tomados pelos dois discutindo a disposição das bolinhas natalinas na coroa do Abacaxi, com uma estrela do mar no topo.

— E tcharam! Está pronto! — Astra se afastou sorrindo colocando o óculos de sol para completar a obra de arte. — Assim que os clientes entrarem, irão se deparar com ele e perceber a vibe diferente do restaurante.

Isaque jogou a cabeça para trás rindo, ganhando alguns olhares dos outros três presentes, mas nenhum deles ousaria mexer um dedo para interromper os dois.

Depois que o ainda não-casal colocou mais algumas cópias da fruta, eles partiram para as paredes.

Com um martelo em mãos, o Albuquerque ergueu a manga da camisa por causa do calor, o que chamou a atenção de Astra para suas tatuagens.

— Elas têm algum significado? — expôs, enfim, a pergunta que queria fazer há semanas, mas não tinha coragem.

— Têm sim, significam burrice de jovem querendo ser rebelde!

A publicitária não conteve a risada com a forma tão informal que ele respondeu.

— A maioria realmente foi só eu querendo criar fama em grupinho de amigos, não cheguei a fazer nada escandaloso, só desenhos aleatórios — ele começou a explicar enquanto prendia o chinelo verde e dourado na parede. — Mas quando me converti, pensei: sou pobre, não terei dinheiro para tirá-las, então vou colocar coisa crente aqui também E assim eu terminei de preencher os braços.

Astra se aproximou dele, vendo-o apontar para o desenho de um cordeiro e um leão, palavras como “coram deo”, “imago dei” e “agnus dei” também estavam lá, além de um símbolo que ela não reconheceu.

— O que é esse aqui?

— São as letras Alfa e Ômega, do grego.

— Princípio e fim — ela sussurrou.

— Sim, foi a primeira com referências cristãs. Para o ano que vem estava pensando em uma tulipa ou algo do tipo, o que acha?

Ela não demorou para pegar a referência. A flor era comum entre os cristãos reformados por causa do acróstico TULIP, em que cada letra tinha um significado das doutrinas da fé, em inglês, começando pela depravação total e terminando na perseverança dos santos.

— Terminamos! — Pedro interrompeu o assunto dos dois.

Astra piscou algumas vezes, voltando à realidade e lembrando que eles ainda precisavam terminar de decorar o lugar. Ela pediu para Pedro ajudar o irmão com os chinelos, enquanto ela ia com Leticia pendurar algumas guirlandas feitas de conchas e estrelas-do-mar.

— Astra — a garota a chamou, entregando o objeto —, você vai voltar para BH quando?

Com os ouvidos atentos, Isaque acompanhou a conversa das duas, aquele assunto muito lhe interessava.

— Sabe que eu não sei? Confesso que passar esse tempo aqui me lembrou o quanto amo a cidade. Como sou autônoma e trabalho home office, cogitei uma possibilidade de voltar para Matinhos. — Deu de ombros, sem saber o suspiro aliviado que o Albuquerque deu com aquela notícia.

O resto da tarde foi tomado por risadas, pisca-pisca, bolinhas coloridas e muito karaokê cantando as músicas de Natal.



O grupo escolheu o horário da noite para a grande revelação, todos já estavam dentro do restaurante quando Isaque chegou com os pais vendados.

— Um, dois, três e… surpresa!

Os cinco jovens aguardavam com expectativa o *feedback* do dono.

Emanuel passeou os olhos pelos abacaxis decorados, o pinheiro falso cheio de conchas e cavalos-marinhos e os quadros com bonecos-de-neve feitos de areia. No balcão do caixa tinha vários bonequinhos, como um pinguim com colar de flores havaiano e um Papai Noel com roupas de praia.

E completando de forma perfeita, no ponto central do estabelecimento, onde todos os clientes eram obrigados a passar, havia uma manjedoura, lembrando-os do verdadeiro significado daquilo tudo.

— Olha, eu estava sem expectativa, mas não é que essa gurizada me surpreendeu! Como pagamento pelo trabalho excelente de vocês, farei o jantar!

Com um suspiro aliviado de todos, eles se sentaram quando o senhor foi com a esposa para a cozinha. Júlia e Matias, que também haviam sido convidados, acompanharam os donos, deixando os jovens conversando.

— Vocês arrasaram! E perdão por não ter conseguido ajudar — Aléxia disse, sentando ao lado do marido.

— Relaxa, o Jô avisou, mas você está melhor?

Astra sorriu a tranquilizando. Ela ainda não se sentia tão próxima da cunhada, principalmente pela pandemia ter atrapalhado a maior parte do contato das duas, já que só a tinha visto pessoalmente uma vez antes do casamento. Entretanto, faria o possível para corrigir isso, sempre tinha sonhado com uma irmã.

Naquela noite, o pequeno grupo passou horas rindo, agindo como uma grande família antes mesmo de serem.

Mas é claro que nosso mocinho muito em breve corrigiria aquilo, transformando a relação deles em algo oficial.





9

Alguém será promovida a vovó e sogra no mesmo dia

"— Às vezes, meu bem, o amor não é tão espetacular quanto fogos de artifício. Ele pode ser suave como uma pluma, tão imperceptível como uma brisa amena em um deserto quente e seco. Mas acredite, até mesmo em sua versão mais branda, é o mais poderoso dos sentimentos."
(De Repente Ester – Kell Carvalho)

E chegou o dia do ano em que a Mariah Carey mais faturava, também chamado de noite de Natal!

Apesar dos argumentos de Júlia, Gabriel se hospedou com a família na casa de Carla. Entretanto, a casa dos Lopes era maior, por isso a ceia seria feita lá.

Inicialmente, a decoração iria seguir a vibe estadunidense, mas com o movimento de Astra e Isaque, a árvore natalina havia ganhado algumas mini havaianas e boias penduradas, além de um quadro de boneco-de-neve feito de areia na parede.

Falando na publicitária…

Astra arrumava, nervosa, o vestido midi vermelho no corpo. Poderia não ser seu estilo favorito, mas ela também não tinha pavor e, às vezes, uma dose de romantismo era bom. Isaque havia dito que queria conversar com ela após a abertura dos presentes, por isso ela não conseguia parar quieta com roupa nenhuma.

Uma batida na porta impediu seus planos de trocar mais uma vez de roupa. Ela levou um susto quando viu a tia lá, por causa de um acidente na estrada eles haviam se atrasado, com a possibilidade de talvez nem chegarem a tempo.

— Oi, princesa, posso entrar? — Marta perguntou com um singelo sorriso.

A mais nova assentiu, usando uma piranha para prender o cabelo em coque.

— Vocês chegaram bem?

— Graças a Deus, sim.

Mal tiveram tempo de se arrumar antes de ir para a casa da cunhada, mas pelo menos chegaram.

Marta se sentou na cama, vendo o exemplar de Coração de Diamante lá. Foi involuntário o sorriso que surgiu ao lembrar-se do presente que havia ganhado de Gabriel alguns meses antes de começarem a namorar.

— Deixei separado para mostrar para Isaque. Descobri que a rainha Isabella é uma das autoras favoritas dele — Astra explicou ao vê-la folheando o livro.

— Isaque?

Dramática como todo bom Mendes-Lopes, ela levou as duas mãos à boca ao perceber o quão informal tinha falado do rapaz. A mais velha gargalhou com sua expressão.

— O *piá* do restaurante, né? Sua mãe enviou algumas fotos de quando vocês estavam decorando.

Claro que Júlia havia lhe dado bem mais informações do que aquilo, mas não seria Marta a expôr. Pelo menos, não até que houvesse um pedido de casamento.

Ela própria já havia sofrido muito por sinais antes de namorar seu esposo.

— E como você está em relação a isso?

Astra não precisou perguntar para saber ao que a tia se referia, a Mendes sempre tinha sido boa em prever seus sentimentos. E, pela primeira vez, admitiu em voz alta o que sentia.

— Um misto de medo, expectativa, ansiedade. E se der tudo errado e eu estiver imaginando coisas?

— Astra, entrega seu coração ao Senhor! Eu sei *muito bem* o que é sofrer por sinais, você já sabe a minha história com seu tio. — Fez um sinal com a mão, dispensando explicações. — Porém, se Isaque realmente é um homem piedoso, ele não irá te defraudar.

— Sei lá, e se estiver sendo tudo muito rápido? Não tem nem um mês que eu voltei, e não sinto aquela coisa de borboletas no estômago. Nos livros, lemos muito como se estar apaixonada fosse como fogos de artifício, mas parece muito mais como se fosse uma lareira quentinha, trazendo conforto ao invés de agitação.

Marta ficou quieta por alguns segundos, pensando em como respondê-la naquela situação. A mulher deu uma batidinha na cama, chamando-a para sentar ao seu lado.

— Querida, não esqueça que amar é uma escolha! — Ela acariciou as mãos da sobrinha. — Vocês passaram as últimas semanas conversando quase todos os dias, conhecendo um ao outro mais intimamente. Além do mais, apesar dos pesares — se referiu ao período desviado dele —, vocês se conhecem desde adolescentes, seus pais acompanharam o processo de conversão de Isaque, viram ele dia-a-dia sendo transformado por Cristo. Não é um tiro no escuro!

Astra balançou a cabeça para frente, refletindo sobre tudo o que tinha escutado da tia. Ela iria continuar o assunto, mas Hadassa, a filha mais nova de Marta, entrou no quarto para falar com a prima.



Astra puxou o ar com força quando viu os Albuquerque chegando, parecia ter se esquecido como respirar.

Mesmo com alguns anos de diferença, Pedro não demorou muito para criar amizade com Davi, o filho mais novo dos Mendes, irmão gêmeo de Hadassa. Já Leticia ficou no canto mexendo e rindo para a tela do celular.

Júlia logo levou Cássia e a sobrinha para ajudar as mulheres na cozinha, enquanto Emanuel foi para a churrasqueira com os homens.

E assim Isaque e Astra ficaram quase sozinhos na sala, pois tanto da cozinha quanto da churrasqueira dava para bisbilhotar o ambiente.

Isaque não pôde conter o sorriso ao ver Astra de vermelho. Combinava muito bem com ela, realçando sua beleza natural. Tudo bem que, para ele, ela estaria belíssima até mesmo com um saco de batatas.

— Onde eu coloco isso? — perguntou apontando para a sacola em mãos.

Astra, ainda quase sem língua, apontou para a árvore. Ao deixar lá, ela nem imaginava que o pacote mais precioso estava no bolso da calça dele, e não junto aos outros.



E havia chegado a tão esperada hora de abrir os presentes!

Astra tentava se convencer de que sua ansiedade se devia apenas a isso, e que não tinha nenhuma ligação com a conversa que teria logo depois.

Josué e Aléxia haviam sido os primeiros a quererem entregar os seus, distribuindo mini-caixinhas para os Júlia e Matias, Astra, e também os avós e tios do Lopes. Davi tentou implicar que ele também queria uma, até ganhar um beliscão da irmã gêmea o mandando calar a boca.

— Bom — Aléxia começou antes deles abrirem —, nós estamos guardando isso há algum tempo, e até me surpreendi por Josué não ter vazado nada — brincou, levando todos a concordarem e também ficarem ainda mais curiosos.

Era unanimidade que não deveria contar nenhum segredo para o homem, para ele ter consigo manter, deveria ser algo muito especial.

— Perdão a quem não recebeu — ela continuou, olhando para os Albuquerque e os outros mais novos. — Podem abrir e tenham um feliz

Natal!

Josué abraçou a esposa por trás, deixando um beijo lateral na sua bochecha. Aléxia nunca seria capaz de agradecer o suficiente a Deus pela família que tinha ganhado ao casar com aquele homem.

O casal aguardava com expectativa a ficha de cada um cair.

E é claro que o primeiro som a ser ouvido foi o grito de Júlia.

— Eu sou vovó?

Dentro de cada caixinha havia uma foto de ultrassons com as legendas: “promovidos a avós”, para Júlia e Matias; “promovidos a tio-avós” para Marta e Gabriel; “promovida a titia”, para Astra e “mais um bisneto para a conta” para Carla e Willian.

Os próximos minutos foram regados a abraços e lágrimas, principalmente da nova avó.

No mesmo clima de festa, cada um foi entregando seus presentes uns aos outros.

Leticia estava em festa por ter ganhado de Astra um kit com cinco livros.

— Já li a antiga versão, é muito bom! — Hadassa comentou apontando para a capa de “A Escolha do Verão”. — Preciso comprar a nova.

Deixando as duas conversando, a publicitária levou o outro pacote até Isaque, que estava no canto a aguardando. O rapaz abriu o presente e sorriu ao ver uma trilogia em mãos.

— As Crônicas de Olam?

— É uma fantasia cristã, eu acho que você vai gostar. Inclusive, o autor é um teólogo bem conhecido aqui no Brasil.

Ele ficou os próximos minutos admirando ela explicar o trabalho do homem. Ele sabia que Astra não era tão ligada no ramo teológico, preferindo a ficção, e ficou grato ao ver o quanto ela tinha se esforçado para pesquisar sobre o escritor.

Com uma troca de olhar com Matias, ganhando a confirmação que ansiava, ele esperou ela terminar antes de oferecer o braço perguntando se eles poderiam conversar a sós.

Tremendo, Astra balançou a cabeça positivamente e o acompanhou para longe dos olhares da família.

Na outra ponta da sala, Júlia levou um susto ao sentir Marta parando ao seu lado. Ela abraçou de lado a cunhada, apoiando a cabeça em seu ombro enquanto ambas observavam os dois caminhando.

— Realmente o tempo passou voando — a Mendes quebrou o silêncio.

— Sim, e Deus foi muito bom com a gente! Mesmo aos trancos e tropeços, aqui estamos, com nossas famílias formadas e encaminhadas.

— Parece que foi ontem que éramos duas jovens solteiras sonhando com o casamento.

Júlia riu lembrando daquela época. A cada dez palavras de sua boca, onze eram sobre relacionamento amoroso.

Vendo a cena, Gabriel se aproximou, afastando a esposa da Júlia e ganhando um tapa da irmã no braço.

— Matias, olha sua mulher aqui me agredindo.

O homem riu. Desde que conheceu o Mendes, a relação dos dois era assim, entre tapas e beijos.

Os quatro passaram a próxima hora ali, cada um abraçado ao seu cônjuge, revendo as memórias da juventude e de quando eles próprios estavam vivendo suas histórias de amor.



Banhados pela luz das estrelas, Astra e Isaque aproveitavam a companhia um do outro em silêncio, como tanto gostavam.

A garota quis apoiar a cabeça nos ombros dele, mas um fio de consciência a segurou, lembrando-a que ainda não estavam comprometidos.

Ela já respirava mais tranquila naquele momento. Antes de abrir os presentes, Matias a havia chamado para conversar. O homem sondou os sentimentos da filha, antes de dizer que Isaque já havia conversado com ele e Júlia há alguns dias, e eles tinham dado a bênção para prosseguirem em um relacionamento.

Se o Albuquerque quisesse fazer surpresa, o futuro sogro já tinha estragado seus planos.

Pedindo para Deus coragem, ele soltou os braços, virando-se de frente para ela e segurando suas mãos, que tremiam sem parar.

— Astra, eu sei que a nossa relação na adolescência não foi das melhores, e também sei sobre a sua *quedinha* e o quanto te defraudei naquela época.

Soltando dele, a publicitária levou as mãos ao rosto, sentindo-o pegando fogo.

— Você o quê? Quem te contou?

— Você postava indireta no Twitter. E também a Yasmin — se referiu a uma amiga deles na época — me procurou para perguntar se eu gostava de você ou não. Mas, enfim, o assunto aqui não é sobre isso.

Astra riu, nervosa, ainda envergonhada por ele saber de suas bobagens infantis.

— Eu nunca contei para você sobre a minha conversão, não é? — Ela negou com a cabeça. — Lembra quando comentei que o primeiro romance que li foi Do Deserto ao Jardim? Então, tem mais história por trás.

Isaque passou os próximos minutos falando sobre como a pandemia foi um ponto catalisador de sua vida, quando ele parou para refletir sobre as bobagens que tinha feito.

— Após alguns anos sem ver meus pais, em 2020 resolvi voltar para casa, o medo de perdê-los foi maior que a minha vergonha. Eu também perdi uma fase importante de Letícia, e tentei um jeito de me aproximar, adivinha como foi?

— Romances cristãos?

Ele assentiu, lembrando com carinho daquela época.

— Ela falava disso o tempo todo, até que um dia resolvi pedir uma indicação e ganhei esse da Aline, na época ainda no tal Wattpad. E foi assim, em um romance com patricinha na roça, que Deus me mostrou que eu era uma ovelha perdida, e Ele o Bom Pastor que havia me encontrado.

Astra levou a mão ao rosto, limpando a lágrima que havia escorrido.

Após a conversa com a mãe, ainda no início do mês, a mulher começou a reparar propositalmente nas atitudes de Isaque. Naquele momento, ela já não tinha mais dúvidas sobre sua conversão e como ele era um homem que buscava ser mais parecido com Cristo a cada dia.

— E desde então não me relacionei com mais ninguém, apenas orando pela minha futura esposa. Sabia que demoraria muitos anos ainda, eu era um recém-convertido aprendendo voltar a caminhar, mas também sabia que um dia ela viria. — Sorriu. — Enfim, as últimas semanas foram para mim uma resposta disso, quando eu reencontrei uma mulher que me aproximava de Deus, gentil, bela e que, por um acaso do destino, também é reformada e pretende fazer côrte.

Aquele havia sido um ponto muito frisado por Matias quando o procurou para conversar, se ele estaria disposto a namorar daquela maneira.

— Juro que estou terminando. Bom, quando conversei com seus pais, eles deram a entender que havia uma certa retribuição de sua parte. Quero deixar claro as minhas intenções não apenas para um namoro, mas um casamento que glorifique a Deus.

E então, para sua completa surpresa, pois nunca tinha sonhado em imaginar ele agindo assim, Isaque ajoelhou abrindo uma caixinha.

— Astra Mendes Lopes, você estaria disposta a ser a tulipinha desse genebrinha?





10

Um clichê de Natal... no Brasil

"Disse adeus a “Enchanted” e olá para “Haven’t Even Kissed”. Podia até não existir amor à primeira vista, mas com certeza existiam encontros muito acertados, como uma semente plantada no solo ideal para ser regada e, no tempo certo, dar seu fruto: o amor."

(Amores E Outras Conexões – Lavinia Queiroz)

A gargalhada que Astra soltou foi um misto de vários fatores: dentro da caixinha, ao invés da aliança, estava um chaveiro com um mini-livro, o próprio nervosismo do momento e também o outro eram as referências teológicas que ele usou no pedido.

Tulipinha se referia às doutrinas da graça e genebrinha a própria Genebra, uma cidade importante no período da Reforma Protestante. Ambos os termos eram usados como apelido entre os cristãos reformados.

Quem via Isaque de longe jamais imaginaria que, dentro daquele homem barbudo e tatuado, havia um piadista que amava fazer a garota de quem ele gostava rir.

— Bom, talvez eu tenha esquecido de comprar um anel e peguei a primeira bugiganga com alguma referência a nós que encontrei — se explicou rindo. — Agora, por favor, você pode parar de rir e me dar um retorno? Meu joelho está começando a doer.

Astra respirou fundo para se controlar antes de responder:

— Sim, Isaque Albuquerque, eu aceito que você seja o genebrinha dessa tulipinha!

Colocando a argola do chaveiro em seu dedo, o homem se levantou finalmente, abraçando-a como tanto quis fazer naquelas últimas semanas. Ele fez uma oração pelos dois, agradecendo a Deus pelos imprevistos que os aproximou.

— Isso aqui seria uma cena perfeita para um romance bem clichê de Natal, sabia? — ela o provocou. — Afinal, vivemos um.

— Bom, se isso fosse um desses romances, nesse exato momento iria começar a nevar.

Ele mal terminou de falar e realmente começou a cair neve do céu, mas em seu formato anterior, popularmente chamado de chuva.

De mãos dadas, os dois correram de volta para casa, com sorrisos bobos os acompanhando.

Eles até tentaram ser rápidos, mas a chuva caiu tão de repente que não conseguiram evitar de se molharem. Claro, não foi nada tão exagerado, mas havia três mulheres com mais de cinquenta anos de idade no ambiente, todas com suas piras de imunidade.

— Sabe, eu acho que tenho um nome melhor para o nosso enredo do que um mero clichê natalino — Isaque começou a falar após terminar de passar a toalha no cabelo.

— Ah é, qual?

Astra o olhou curiosa, esperando pela pérola que viria.

— Nós vivemos um clichê de verão! — Ele aguardou alguns segundos esperando ela ligar. — Verão, praia, temporada, teve até chuva e pernilongo picando a gente, pelo amor, Astra!

A publicitária não conteve a gargalhada, ele vinha segurando aquele trocadilho o dia inteiro justamente para poder vê-la rindo.

— As, o tio que você comentou que conheceu a rainha Isabella é o Gabriel, né? — Isaque mudou de assunto após ela se acalmar.

Ela assentiu, percebendo no olhar do noivo o pedido não verbalizado. Achava até engraçado sua animação por causa de uma escritora de ficção cristã.

Tudo bem, ter um livro autografado por uma monarca não é qualquer coisa, mas ela cresceu com aquelas histórias, e com o exemplar em casa se tornou natural.

— Tio — Astra o chamou depois de entregar o livro na mão do noivo —, será que você poderia contar pela milésima vez como conheceu a rainha Isabella, por favor?

— Ah, não! — Os Mendes se lamuriaram de uma única vez, enjoados de ouvir aquela história.

Vendo todos os Albuquerque prestando atenção nele, alheios sobre aquele feito histórico, Gabriel começou a sussurrar sobre a sua última viagem com o pai para Porto das Rosas, tal qual um pescador contando suas histórias.

Com a exceção que aquela havia realmente acontecido, e um dia chegará a hora de você ouvi-la.





Epílogo

"Farei você rir até o último dia de nossas vidas. Mesmo quando estivermos banguelas e eu não possuir mais nenhum charme, eu farei você rir, desdentada mesmo."
(No Ritmo Dos Seus Passos – Maina Mattos)

Astra girou a aliança no dedo, observando o balanço das ondas à sua frente.

Há pouco mais de um ano ela trocou-as diante do altar com o amor da sua vida, tornando-se oficialmente a senhora Albuquerque.

Eles queriam ter se casado no Natal, mas casamentos nessa data não eram a coisa mais comum do mundo, por isso a cerimônia foi feita quase um mês antes, para que todos os amigos pudessem presenciar a união deles.

Porém, para riso dos convidados, em pleno novembro toda a igreja estava decorada com enfeites natalinos, entre pisca-piscas e festões, havia até mesmo alguns abacaxis com óculos de sol.

Ainda nostálgica, Astra retirou o anel, lendo os escritos internos. Se lembrava do dia exato que Isaque viu aquele post no Twitter e conseguiu a convencer.

Na sua estava escrito “Sed ut Ecclesia”, que em latim significava “como a Igreja”, enquanto na do esposo era "Sicut ut Christus", traduzindo para “como Cristo”.

Ela estremeceu ao sentir Isaque a abraçando por trás, com o sorriso sempre presente no rosto.

— Eu nunca vou te perdoar por ter cortado o cabelo — murmurou, sentindo falta dos fios longos.

— Eu sei, eu sei, você está me obrigando a usar shampoo bomba para fazê-lo crescer!

Ela riu, ainda lembrava do seu choque quando chegou em casa com as compras do dia e viu ele com a cabeça quase raspada.

— Vamos, eles estão nos esperando para abrir os presentes.

Astra concordou sem sair do lugar, as últimas semanas não estavam sendo fáceis, não com os hormônios tão à flor da pele. Tomando coragem, virou para ele, com a ansiedade dançando em seus olhos.

— Eu quero te entregar o seu primeiro!

Ela não tinha pensado em revelar naquele dia, por isso não chegou a montar nada especial. Seus planos era esperar mais algum tempo, mas não aguentava mais esconder aquilo do marido.

Isaque esperou, não havia nenhum pacote com ela. Rindo, Astra levou as mãos dele a barriga dela, apenas aguardando a ficha dele cair, o que demorou um tempinho, diga-se de passagem.

— Amor, você está grávida?

Ela assentiu entre lágrimas, tendo que gritar para ele não girá-la, se não vomitaria ali na areia.

O grito de Benjamim os despertou do transe, combinados de não contar para ninguém ainda.

Naquele ano, com a família bem maior com a presença de todos os filhos dos Mendes, a comemoração da noite de Natal foi no restaurante dos Albuquerque.

Astra entrou de mãos dadas ao marido, sem perceber que a boca já salivava pelo frango preparado pela mãe, e também pelo chocotone caseiro que a tia havia feito para a sobremesa. É claro que ela culpou a gravidez.

Antes da ceia ser servida, Gabriel levantou chamando a atenção para si. A cada ano um membro era escolhido para trazer o discurso natalino, e naquele era ele o responsável.

Começando a falar, o senhor, já com alguns fios brancos, sorriu ao ver toda a família presente, tanto a de sangue quanto a do coração.

O Senhor havia sido muito bom com todos eles, nem era possível mensurar.

— E que não esqueçamos que hoje comemoramos algo maior do que todos os presentes trocados nos últimos anos, sejam as revelações dos nossos vários novos membros ou aos relacionamentos celebrados — Gabriel finalizava seu discurso. — Há mais de dois mil anos o próprio Deus se fez carne, nascendo como um de nós, para que pudessemos ser redimidos dos nossos pecados. E esse é o nosso grande presente: a salvação imerecida, não pelas obras, mas por Sua grande misericórdia e amor.



O Lytaverso

Querido (a) leitor (a),

Aqui é a Lyta, tudo bem?

Que bom que você chegou até aqui, espero que tenha gostado do romance da Astra e do Isaque.

Caso esse seja o primeiro livro meu que você está lendo, seja muito bem-vindo ao Lytaverso! Todas as minhas obras (com exceção de fantasia) possuem um universo compartilhado, ou seja... os personagens se intrometem nas histórias uns dos outros.

Você lembra dos tios da Astra? O Gabriel e a Marta?? Pois bem, caso você queira conhecer o romance dos dois, te indico a leitura de "Uma Oração de Amor". Lá você será levada até Curitiba nos anos 80, encontrando até mesmo uma Júlia adolescente e descobrindo quem são os tais David e Nina citados aqui no livro :)

E se você deseja conhecer Porto das Rosas, "Um Amor Arranjado" deve ser sua próxima leitura! Nele temos as origens do país e o casamento dos primeiros monarcas.

Qualquer dúvida me chama lá no Instagram (@lytaracielly), não posso prometer responder rápido rs, mas uma hora vai kk.

Beijinhos,

Att.

Lyta R.

Conheça a história da Marta e do Gabriel (tios da Astra)

Marta ainda era jovem quando ouviu lições sobre relacionamento cristão pela primeira vez. Depois disso sua vida mudou e ela decidiu abrir seu coração exclusivamente para um único homem, aquele que fosse digno de se tornar seu esposo.



Como meio de ajudá-la a manter seu propósito, a moça decidiu escrever cartas ao seu futuro marido. Eram cartas de amor, marcadas em papel como prova de sua ansiedade para encontrar alguém a quem nunca viu antes.

Marta só não esperava ter seu coração arrebatado por um jovem missionário atrevido recém-chegado à igreja local.

Seria ele o destinatário dos seus escritos ou apenas mais uma expectativa criada pelo seu coração?



Conheça a origem de Porto das Rosas

Grace Salun estava feliz com sua vida. Ainda que as exigências de seu título de princesa por vezes a chateassem, se satisfazia com a amizade dos irmãos e o serviço ao seu povo.

Martin Halley se viu viúvo cedo demais. Com o título de rei de Porto das Rosas sobre seus ombros, a necessidade de casar novamente não podia mais ser adiada e um recomeço se impõe a ele.

Grace não quer casar. Martin precisa fazer isso. Uma aliança entre os reinos é selada e assim os caminhos dos dois se unem em um casamento arranjado.

Entre brigas, mal-entendidos, traumas do passado e uma intriga política, esse casal precisará superar as diferenças para conviver em harmonia.

E talvez só um milagre de Natal salvará o relacionamento dos dois!

[1] *Comunidades de pescadores tradicionais dos Estados de São Paulo e Paraná e sul do Rio de Janeiro. Apesar de se referir mais propriamente a essas comunidades, no dia-a-dia se usa para qualquer pessoa nascida no litoral.*

[2] Diminutivo de Piá, termo usado em algumas regiões do Paraná para se referir a meninos.

[3] Sigla para “ensino à distância”.

[4] Ir para a escola e não entrar na sala, furar aula, etc;

[5] Perfil secreto ou privado no Instagram, onde se postava fotos que não iriam para a conta normal. Seria o antigo “close friends” da rede social.

[6] Termo usado para se referir a “menina”, “mulher”

[7] Pessoa que não é ativa nas redes sociais, que não expõe a vida intima.

[8] Significa imaginar aquilo que ainda não aconteceu, inventar algo.

[9] “Ódio para amor”, é um termo usado na literatura ficcional para casais que discutem muito antes de se apaixonarem.

[10] FEFIC é a sigla para Feira de Ficção Cristã, um evento literário que acontece anualmente na cidade de Belo Horizonte - MG

About The Author

Lyta Racielly



Fã número 1 de clichês românticos, Lyta Racielly é uma jovem paranaense da geração Z.

Apaixonada por livros, desde a infância é uma leitora nata e na adolescência começou a escrever as histórias que gostaria de ler, mas nunca encontrou.

Atualmente está cursando o bacharelado em Teologia, além de trabalhar com o mercado editorial.